



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA PEREIRA DOS SANTOS

**A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO DENTRO DO PROCESSO ENSINO-  
APRENDIZAGEM: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Souza - PB  
2014

MARIA PEREIRA DOS SANTOS

**A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO DENTRO DO PROCESSO ENSINO-  
APRENDIZAGEM: REVISÃO BIBLIOGRAFICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos em Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Dr. Marcos Barros

Souza - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237r Santos, Maria Pereira dos.  
A relação professor-aluno dentro do processo ensino-aprendizagem [manuscrito] : revisão bibliográfica / Maria Pereira dos Santos. - 2014.  
30 p.  
  
Digitado.  
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.  
"Orientação: Prof. Dr. Marcos Antônio Barros, Física".

1. Relação professor-aluno. 2. Afetividade. 3. Aprendizagem. 4. Educação. I. Título.

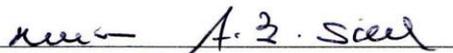
21. ed. CDD 371.102

MARIA PEREIRA DOS SANTOS

**A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO DENTRO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM:  
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

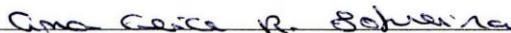
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos em Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 06 / 12 /2014



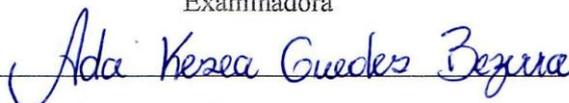
Prof. Dr. Marcos Antônio Barros

Orientador



Prof. Dra. Ana Alice R. Sobreira

Examinadora



Profª Dra. Ada Kesia Guedes

Examinadora

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino e a minha família pelo apoio constante.

**DEDICO**

## **AGRADECIMENTOS**

- ✓ Agradeço a Deus por te me dado coragem para mais uma etapa de estudo;
- ✓ Ao meus esposo e minhas filhas que sempre estiveram ao meu lado nesta caminhada;
- ✓ A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

Meu muito obrigado.

*A inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas.*

**Tail**

## RESUMO

Ao se falar de educação, logo se pensa em algo ligado a instrução, o termo educação vem do latim e se fixa diretamente a transmissão de algo de forma mecânica, deixando de lado muitas vezes a questão da afetividade, e assim era o trabalho dentro das escolas. Desse modo, o ensino ficou mecanizado, ou seja, o aluno se limitava apenas a atenção às explicações e as execuções das atividades na sala de aula, dificultando a troca afetiva entre o transmissor e o receptor. Assim, há uma preocupação com o fator afetivo, de forma especial na educação infantil, pois é um período onde a acriança se encontra em processo de formação, e o trabalho na educação se concentra na constituição do próprio sujeito, envolvendo valores e o próprio caráter necessário para o seu desenvolvimento integral do educando. É papel do profissional da educação, formar o aluno-cidadão, aluno que pais e sociedade desejam. Sabemos que esta visão de escola sempre foi assim: a escola é o lugar onde se forma pessoas nos moldes esperados pela sociedade, de modo a atuarem dentro dela de maneira crítica e reflexiva. Por isso dentro do cenário educacional encontramos escolas tecnicistas, bancárias, renovadoras, tradicionais, construtivistas etc, dependendo do momento vivido pelo país ou pelo mundo, e essa função é dada ao professor. Para tanto, esse trabalho traz o estudo de caráter exploratório e teve como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.

**Palavras chave:** Relação professor-aluno, Afetividade; Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

When talking about education, just thinking about something connected to instruction, the word education comes from the Latin and is fixed directly transmitting something mechanically, often leaving aside the question of affectivity, and the work was well within the schools. Thus, education became mechanized, ie, the student is only limited attention to the explanations and executions of the activities in the classroom, making the emotional exchange between the transmitter and the receiver. Thus, there is a concern with the affective factor, especially to early childhood education, it is a period where The child is in the process of training and work in education focuses on the constitution of the subject, involving values and the very character necessary for their integral development of the student. It is the role of education professionals, form the student-citizen, student parents and society want. We know that this vision of school was always like that: school is the place where people in the way expected by society molds in order to act within it so critical and reflective. So within the educational setting found technicians, banking, renovating, traditional, constructivist schools etc, depending on the time lived across the country or around the world, and this role is given to the teacher. To this end, this paper presents the study of exploratory and aimed to "provide greater familiarity with the problem, in order to make it more explicit or form hypotheses.

**Keywords:** Teacher Student Ratio, Affectivity, Learning.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
FUNDAMENTAÇÃO TEORICA .....	11
A relação professor-aluno segundo a didática.....	11
Relação professor/aluno: implicações para o desenvolvimento da criança.....	14
2.3 Relação professor/aluno no processo de ensino-aprendizagem .....	18
3. METODOLOGIA.....	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25
REFERÊNCIAS .....	28

## INTRODUÇÃO

Quando se fala em educação, logo se pensa em algo ligado a instrução, o termo educação vem do latim e se fixa diretamente a transmissão de algo de forma mecânica, deixando de lado muitas vezes a questão da afetividade, e assim era o trabalho dentro das escolas.

Desse modo, o ensino ficou mecanizado, ou seja, o aluno se limitava apenas a atenção às explicações e as execuções das atividades na sala de aula, dificultando a troca afetiva entre o transmissor e o receptor.

Assim, há uma preocupação com o fator afetivo, de forma especial na educação infantil, pois é um período onde a criança se encontra em processo de formação, e o trabalho na educação se concentra na constituição do próprio sujeito, envolvendo valores e o próprio caráter necessário para o seu desenvolvimento integral do educando.

A relação do professor com seus alunos é de fundamental importância para a Educação, pois a partir da forma de agir do mestre é que o aprendiz se sentirá mais receptivo à matéria.

A reciprocidade, simpatia e respeito entre professor e aluno proporcionam um trabalho construtivo, em que o educando é tratado como pessoa e não como número, ou seja, mais um.

Os objetivos da Educação seriam mais facilmente alcançados se muitos dos problemas disciplinares fossem resolvidos com maior cautela, sem dramatização, onde um simples comentário bem feito solucionasse o problema.

Assim, dentro de uma relação afetiva é que se pode descobrir uma forma mais adequada de se relacionar com o outro, pois é dentro do ambiente escolar que ocorrem as primeiras trocas entre alunos e professores, onde se busca conhecer quem são seus alunos? De onde vêm? Em que trabalham? Quem são seus pais? Que infâncias têm ou tiveram? Por que e para quê estudam? Quais seus nomes? Seus endereços? Seus passatempos?

Para tanto este trabalho busca relatar de forma simples e clara até que ponto a afetividade está inserida na relação professor e aluno e como ela pode vir a afetar o processo de ensino aprendizagem.

Seguindo o que fala Freire, o professor tem de evitar em seus alunos os medos que o cientificismo nos inoculou. O medo faz com que o aluno se retraia e reprima seus

desejos e sensações, muitas vezes achando que o ambiente de sala de aula é um lugar de repressão e humilhação mediante os outros colegas.

Assim, se faz necessário uma mudança de postura de nossa parte enquanto educadores, uma vez que teremos a possibilidade de interagir verdadeiramente e, portanto, produzir mudanças.

Para tanto, esse trabalho monográfico encontra-se estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta os pontos referentes a relação professor-aluno segundo a didática, no segundo capítulo será relatado a questão da relação professor/aluno: implicações para o desenvolvimento da criança. No capítulo três é relatado as questões da relação professor/aluno no processo de ensino-aprendizagem, no capítulo quatro será apresentado a metodologia do trabalho, depois as considerações finais e logo em seguida as referências bibliográficas do trabalho.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Neste capítulo discutimos as principais referências que nos subsidiaram dentro do contexto ensino-aprendizagem, tomando como foco principal a relação professor-aluno.

### **2.1 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO SEGUNDO A DIDÁTICA**

Dentro da didática que rege as ações educativas podemos encontrar os enfoques da didática nas tendências pedagógicas são pelo menos três:

- ✓ A tendência tradicional, que é aquela assentada na transmissão cultural, concebendo o aluno como um ser receptivo-passivo, atribuindo um caráter dogmático aos conteúdos e métodos da educação. Valoriza o aspecto material do ensino. A didática é entendida como um conjunto de regras e preceitos vale dizer, a matéria a ser ensinada levando o aluno a submeter-se aos métodos do professor;
- ✓ A renovada-tecnicista, essa tendência traz uma versão modernizada da escola nova, ela busca dar ênfase ao caráter prático-técnico do ensino e sua abstenção em frente às questões sociais. Ela tem uma visão inspirada numa concepção de sociedade que tem suas atividades baseadas na produtividade, na eficiência e no rendimento, foi incorporado à tendência da escola nova como continuidade dela.
- ✓ O sócio-político – assume uma postura crítica em relação aos dois anteriores, acentua a importância dos determinantes sociais na educação e as finalidades sócio-políticas da escola. Segura uma visão da educação em partes, ao reduzi-la à sua dimensão sócio-política, negando a peculiaridade do pedagógico, uma vez que não trabalha a questão do relacionamento entre o professor e seus alunos com a devida atenção.

Dentro dos estudos de Libâneo (1991), vamos encontrar o aprofundamento dessa abordagem. Para ele, as relações professor-aluno ocorrem de uma maneira múltipla, multifacetada: como de comunicação envolvendo aspectos afetivos e emocionais, enquanto uma dinâmica de manifestações a partir da sala de aula. Em seu livro

intitulado Didática, no capítulo dedicado a questão das relações professor-aluno dentro do ambiente de sala de aula, ele afirma a importância dessa relação, bem como o fato de ela ser parte de um grande conjunto, do ponto de vista pedagógico:

A ação recíproca que se dá entre professor-aluno é um aspecto fundamental da organização da “situação didática”, que visa alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e a assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades. Entretanto, esse não é o único fator determinante da organização do ensino, razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente a forma de aula (atividade individual, atividade coletiva, atividade em pequenos grupos, atividade fora da classe etc.)(LIBÂNEO, 1991, p.249).

No tocante a interação professor-aluno destaca-se, como pontos dos mais importantes no trabalho docente o aspecto cognoscitivo ( que diz respeito a formas de comunicação dos conteúdos escolares e às tarefas escolares indicada aos alunos) e o aspecto sócio-emocional ( que diz respeito às relações pessoais entre professor e aluno e às normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente).

Assim, presente nesses dois fatores assenta boa parte do fazer pedagógico em qualquer sala de aula, e mais particularmente nas salas de atendimento as séries iniciais que é quando a relação professor-aluno parece ter um peso ainda maior e mais definido do que virá a ser o aluno pela vida afora.

É dentro dos muros da escola que se apresenta um universo no qual interagem vários atores, concentrados nas figuras de alunos e professores. Por isso, as formas como esses dois pontos vão conviver ganha tanta importância na busca de se compreender todas as variantes do processo educacional.

[...]a educação é “uma atividade mediadora no seio da prática social”, quer dizer, funciona como resultado de uma das mediações pela qual o aluno, em decorrência da intervenção do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicialmente confusa e fragmentada (sincrética), a uma visão sintética, mais organizada e unificada.(SAVIANI, 1997, p. 120)

Com isso, é importante deixar claro que o professor aprenda a abarcar todos os aspectos, ligações e mediações inerentes à ação pedagógica, tomá-lo no seu desenvolvimento, nas suas contradições, a fim de introduzir no trabalho docente a dimensão da prática histórico-social no processo do conhecimento.

A relação que existe entre aluno e professor deve ser uma relação de respeito mútuo e consideração, pois em essa relação será possível crescimento e o sucesso do processo ensino aprendizagem. Dentro dessa relação o aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Para tanto, o educador deve assumir um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem.

Os professores são os mediadores do conhecimento, dando ao aluno possibilidade de progresso, levando em consideração a relação existe entre aluno com aluno. Para Vygotsky (1989 p. 97), a construção do conhecimento se dará coletivamente, portanto, sem ignorar a ação intrapsíquica do sujeito.

Seguindo o que diz Vygotsky, o educador necessita, segundo, pensar, rever seus conceitos, sobre seus métodos e seus velhos padrões para despertar em seu aluno a vontade de aprender. De acordo com o autor, para que o educador obtenha sucesso no processo de construção do conhecimento e no estímulo do seu aluno, é preciso bem mais do que metodologias modernas e titulações, o professor precisa ter consciência de que está em suas mãos a responsabilidade de construir o conhecimento do seu aluno, sendo a sua função tornar esse momento agradável e prazeroso.

## **2.2 RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO: implicações para o desenvolvimento da criança**

Nos últimos anos muita coisa tem influenciado o cenário educacional brasileiro. Uma das mais marcantes foi a emancipação da mulher, que era responsável pela função de criação, cuidados e educação dos filhos. Em nossos dias, a mulher deixa a sua casa e começa a disputar, de igual para igual com o homem, o espaço no mercado de trabalho. O que estamos percebendo é que as meninas já não brincam só de bonecas e casinhas, as moças não sonham só com um príncipe encantado, elas querem igualdade de deveres e direitos.

Em meio a todas essas mudanças, surge um grande questionamento, com quem fica a responsabilidade de educar? Para a escola? Sim. Desse modo a escola vem assumindo papéis antes destinados à mulher/mãe e ao seio familiar. E com isso a escola não consegue de forma efetiva acompanhar o avanço social e não esteja cumprindo com o que pais e sociedade esperam dela: a completa formação do ser humano e cidadão. Dessa forma o Ensino de Filosofia pode ajudar ao aluno a pensar sobre o existir.

A tarefa do professor não é fácil, mas mesmo com tantas dificuldades, o professor não pode se deixar abater, porém não pode executá-la sozinho, mas, deve contar com a ajuda de todos os que compõem a escola. O professor traz de dentro dele toda uma história de vida, todas as influências de seu grupo sócio-econômico, suas crenças e mitos familiares, as influências da sociedade onde vive do seu local de trabalho onde vivencia sua relação com colegas de trabalho, seu estado emocional, quando entra em sala de aula. De acordo com Valéria Amorim Arantes (2003, p.49) em seu livro *Afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas*, ela diz que:

Sabe-se que a educação regular é, atualmente, uma máquina de excluir os diferentes. Mais do que isso, as práticas educativas adotadas em nossas escolas são em realidade fabricantes dessa nova categoria de crianças, as excluídas do sistema regular de ensino. Tais crianças se tornam fracassadas escolares pelo modo como a escola aborda, ataca, nega e desqualifica o degraú, a diferença social, o desencontro de linguagens entre as crianças de extração pobre, de um lado, e a escola comprometida com outras extrações sociais de outro. (ARANTES, 2003, p.49)

Assim, fica evidenciada a importância do papel do professor, mediante a sua auto avaliação, estando ele sempre atento para o que lhe pertence e que pode estar

interferindo na relação com seus alunos e no modo como está exercendo seu papel de educador.

Ficando bem claro essa questão nas palavras de Charlot (2002):

[...] um educador não é apenas uma criança de tal família, não é apenas o membro de um grupo sócio-cultural. Ele é também sujeito, com uma história pessoal e escolar. É um aluno que encontrou na escola tais professores, tais amigos, tais aulas, e que teve surpresas boas e más. É uma criança cujos pais disseram que o que se aprende na escola é muito importante para a vida ou, ao contrário, que não serve para nada. É uma criança que tem muitos irmãos e irmãs ou não, que são bem-sucedidos na escola ou não, e que podem ajudar a criança ou não, etc. (CHARLOT 2002, p.28)

Em meio a essas questões, fica bem evidenciado, que é bastante pertinente reconstruir uma nova escola esta que é produto da junção entre a escola antiga e a atual, uma escola capaz de formar mentes pensantes, com conteúdo e voltada para formação profissional e desenvolvimento do homem enquanto ser afetivo, emocional, religioso etc.

Com base nessa realidade sente-se a necessidade de se formar um novo profissional da Educação. Um profissional com perfil adequado para propiciar a seus alunos mais variadas situações, permitindo ao aluno desenvolver suas competências e habilidades da forma mais completa possível. É aí onde entra a filosofia pois ela pode contribuir com a prática educativa, tendo-se em vista sua finalidade formativa do profissional pedagogo a partir da percepção dos discentes.

Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da Educação. E principalmente nas aulas de filosofia.

A filosofia, segundo Castoriadis (1999) é uma forma de conhecer o que ainda está por ser conhecido, para tanto desenvolve a atitude de discutir, refletir e questionar a realidade natural e humana em suas diversas dimensões sempre buscando um sentido de ser para a existência das coisas e de si mesmo no mundo. Tais dimensões abrangem a existência, a política, o social, o educativo, etc. Nesse contexto, a ação da filosofia surge no campo educativo buscando construir uma reflexão questionadora acerca da possibilidade e do ideal das práticas educativas.

Seguindo os ensinamentos de Cury (2003) em seu famoso livro **Pais Brilhantes Professores Fascinantes**, os professores precisam deixar de serem bons e se tornarem fascinantes para que suas aulas e conteúdos façam sentido e possam ser assimilados por

seus alunos. Tornando as aulas de filosofia atraentes despertando nos alunos o gosto pelo pensar filosófico da educação, que é um saber crítico, reflexivo e questionador, preocupado com a necessidade e a finalidade da educação, assim como, uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto que se faz a partir dos problemas propostos pelo existir humano, em sua condição de pessoa e de ser social, o que torna inevitável a imbricação da filosofia com a educação, até mesmo para que o educar humano não se caracterize como mecânico, um ato dogmático ou adestramento (SAVIANI, 1989, p.56).

Com essas palavras o Dr. Augusto Cury nos quer mostrar que para uma boa relação entre professor e alunos cabe a nós tornas nossos momentos em sala de aula mais que atraentes para nossos educandos.

Seguindo os pressupostos do Dr. Augusto Cury, o bom professor deve trabalhar sempre o pensar filosófico fazendo uso do diálogo, trazendo para dentro de sua sala de aula um clima de descontração e total interação, de modo a construir um conhecimento elaborado e reelaborado a partir da interação entre o professor e o aluno, tendo por base suas experiências.

Nos dias atuais ainda nos deparamos em nossas escolas com a velha e triste educação bancária já não se faz eficiente em nossos dias, como afirma Furlani (1995), quando diz que: o modelo democrático ainda é uma utopia, ainda encontra obstáculos para ser implantado nas escolas, pois a própria sociedade brasileira é cheia de modelos permissivos e autoritários que influenciam a vivência dos alunos.

Essa questão vem a ser reafirmada por um famoso educador e conhecedor do tema, Gabriel Chalita, onde ele relata em um de seus livros que:

[...] os valores do amor, da amizade, do idealismo, da coragem, da esperança, do trabalho, da humildade, da sabedoria, do respeito e da solidariedade precisam ser resgatados, ensinados, apropriados por todos que gostariam de, um dia, voltar aos tempos de infância. (CHALITA, 2003, p. 23)

Atualmente, ainda presenciamos professores que fazem uso da velha educação tradicional dentro de suas salas de aula, não respeitando o aluno como ser pensante capaz de produzir seus conhecimentos e atuarem dentro das comunidades em que vivem.

Para tanto, Boff (1999) relata que:

Há um descaso pela vida das crianças, pelo destino dos pobres e marginalizados, pelos desempregados e aposentados, um descuido e abandono dos sonhos de generosidade, da sociabilidade, um descaso pela dimensão espiritual do ser humano, pela coisa pública, pela vida, pela Terra enfim, há que haver uma nova aliança de paz entre o homem e todas as demais espécies da Terra na expectativa de salvarmos a nós mesmos e a nossa casa. (BOFF, 1999, p.34).

Assim, o que percebemos é que neste mundo globalizado, a luta para sobrevivência está cada vez mais acirrada o velho ditado que diz cada um por si está cada vez mais em evidência, os valores humanos vão sendo, pouco a pouco, esquecidos e a vida virando um caos. Assim, Chalita (2003), relata:

[...] deixar que a fantasia e a energia da criança interior de cada um de nós esteja sempre presente, ajudando-nos pais e professores a formar, informar, transmitir saberes e afeto para que não deixemos de ser humanos, capazes de sentir, de cuidar, de amar. (CHALITA 2003, p. 36).

### **2.3 RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Uma boa relação entre o professor e seu aluno só ocorrerá de forma saudável e positiva se ocorrer uma colaboração mútua entre ambos. Estudos de especialistas na área educacional apontam que se faz necessário juntar interação com conversação.

O que se observa é que há uma gama de professores que buscam a utilização de métodos de ensino diferentes, muito embora todos estes métodos possuam algo em comum, deixam marcas positivas ou negativas na vida dos seus alunos, muito embora todas busquem o mesmo objetivo comum que é um ensino de qualidade (aprendizagem significativa) e um bom relacionamento entre os educandos.

Estudos e pesquisas apontam que desde muito tempo, a questão da importância do professor em relação a aprendizagem do aluno e o comportamento em relação ao desenvolvimento da aprendizagem, vem sendo sempre ponto essencial em congressos e debates.

E todos apontam para uma mesma resposta, levar em consideração o estado emocional do educando em sala de aula.

Com isso, surge o grande questionamento, qual a relação entre o estado emocional do indivíduo e sua aprendizagem satisfatória? Mas as respostas obtidas para esse questionamento são quase sempre iguais.

O que existe, são algumas formas de abordagem de ensino e também uma variedade na interação de ambos dentro do processo de ensino aprendizagem. Isso é, vários métodos que vão do mais conservador ao mais liberal, aquele em que há uma grande distância entre professor e aluno, ou aquele em que o aluno é o centro da educação, é amplamente ouvido e constantemente estimulado à participação.

A forma como o professor realiza suas aulas e conduz a sua relação com seus alunos, é fator essencial e está fundamentado num determinado conceito imposto pela sociedade. Houve tempos em que o professor tinha um papel definido, onde todos seguiam um mesmo padrão de ação.

Porém graças a evolução do mundo contemporâneo, hoje, o que se é exigido do professor, é que ele tenha uma compreensão mais aprofundada do aluno e seu desenvolvimento na escola.

As relações complexas que existem na sociedade, fazendo com que a escola, por meio de novos cursos adentre na vida, nos problemas e na realidade do aluno, de modo a contribuir para que a atuação do professor em sala de aula se torne cada vez mais abrangente e seu trabalho seja cada vez mais eficaz.

Assim de acordo com Gottman (1997):

Quando um professor é incapaz de manifestar-se amorosamente em relação aos seus alunos, dando-lhes atenção, escutando-os com paciência, dirigindo-lhes uma palavra amiga, pergunto-me se ele os vê. (GOTTMAN, 1997, p. 28)

Para uma prática eficaz, o trabalho do professor deve está ligado afetivamente com seus alunos, para que se possa compreender as necessidades e o comportamento dos mesmos, bem como suas limitações.

Trabalhando para que haja a valorização dos alunos, das ideias, que podem ser divergentes, ou parecidas com as do professor, sempre buscando soluções criativas para os problemas surgidos, e se é incentivado o surgimento de liderança entre os alunos, há um ambiente favorável ao aprendizado.

Em suas publicações Novaes (1983):

[...] um educador não poderá valer-se do uso e do emprego automático das técnicas pedagógicas. Tem que haver uma integração dessas técnicas na cultura, criando assim uma aprendizagem significativa. Portanto, mais que passar o conteúdo aos alunos, o ideal é envolvê-los à realidade, e tratá-los com amor incondicional. (NOVAES, 1984, p.20)

Todas estas palavras de Dantas são reafirmadas por Soares, que diz: “A educação pode fazer muito para promover o desenvolvimento dos indivíduos, no intuito de prepará-los para um novo desempenho comunicativo espontâneo e criativo”.(SOARES, 1995).

Desse modo, segundo as palavras de Chalita, (2002):

A interação professor-aluno só é positiva quando a necessidade de ambos é atendida, quando há uma cumplicidade, quando os interlocutores são parceiros de um jogo; o jogo da linguagem, do diálogo, que é algo fundamental. É casar interação com conversação. (CHALITA, 2002 p. 08)

Contudo, de acordo com Chalita, uma boa relação entre professor e aluno só será satisfatória se ambos desenvolverem um clima de confiança e o diálogo for presente nesta relação, onde um compreender o outro dentro do ambiente de sala de aula. Como afirma Freire:

“O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”. (FREIRE, 2002, p.73).

Desse modo pode-se verificar que um bom professor é aquele que consegue construir uma relação de amizade com seus alunos, contribuindo para que o processo de ensino-aprendizagem se dê de forma satisfatória, tomando por bases para seu trabalho a questão de que o ser humano depende muito de seu estado emocional para aprender, perguntam-se como os professores estão trabalhando esse lado, e se têm trabalhado o próprio emocional para que consigam transmitir não apenas o conhecimento, mas contribuir para o desenvolvimento do aprendizado.

O professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do aluno. Apesar de tal, para que isto ocorra, é necessária a conscientização do professor de que seu papel é de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto realização.

De modo concreto, não podemos pensar que a construção do conhecimento é entendida como algo individual. O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do professor consiste em agir com agente mediador entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação.

O trabalho do professor em sala de aula, e seu relacionamento com os alunos são expressos pela forma como ele se relaciona com a sociedade e com cultura. ABREU & MASETTO (1990 p.115), afirma que:

“[...] é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada

concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade”.

Assim, é fundamental uma boa relação entre professor e seus alunos, O processo educativo envolve três grandes habilidades: cognitiva, social e emocional. A habilidade cognitiva trabalha com o processo constante de aprender novas ideias, conceitos e valores. A habilidade social desenvolve duas questões básicas: uma é a importância da cooperação, e a outra é a solidariedade. A habilidade emocional é a revelação do que há de mais nobre no ser humano

Segundo FREIRE (1996 p. 96):

o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Ainda de acordo com Freire, o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, que adentra a sala de aula sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”.

Apesar da importância da existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos para que se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma; por outro, SIQUEIRA (2005 p. 01), afirma que “os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor.”

Assim, situações diferenciadas adotadas com um determinado aluno (como melhorar a nota deste, para que ele não fique de recuperação), apenas norteadas pelo fator amizade ou empatia, não deveriam fazer parte das atitudes de um “formador de opiniões.

Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre

o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

## 1. METODOLOGIA

Todo trabalho acadêmico tem que ter um caráter científico, onde os professores chamam de pesquisa, a pesquisa científica está presente em todos os currículos das universidades, ressaltando assim sua importância no meio profissional. O mercado de trabalho cada vez mais exigente requer do profissional, que já não basta este ter conhecimentos teóricos e sim na realização de uma prática que busca a produção de novas ideias e conhecimentos. A pesquisa científica está ganhando o seu espaço nos cursos universitários, pois é dentro das universidades que se vivencia a cultura universal e que tem por finalidade o ensino, a pesquisa e a extensão, sendo organizada para a formação de profissionais que atuarão na sociedade.

É objetivo da pesquisa científica, contribuir com a evolução dos saberes humanos em todos os setores, sendo sistematicamente planejada e executada através de rigorosos critérios de processamento das informações. Os trabalhos de graduação devem produzir ciência, ou dela derivar, ou acompanhar seu modelo de tratamento. Segundo Betti (2005 p. 34):

[...] tal área de atuação não se caracteriza, apenas, como uma ciência específica, mas como uma área acadêmica – profissional com necessidades e características próprias, que se vale das diversas ciências e da filosofia para construir seus objetos de reflexão e direcionar sua intervenção pedagógica.

Dentre os mais diversos autores que tratam do assunto pesquisa e sua importância para a vida estudantil, Marques apresenta sua concepção sobre fazer pesquisa, assim, ele relata:

Estabelecer um tema de pesquisa é, assim, demarcar um campo específico de desenhos e de esforços por conhecer, entender nosso mundo e nele e sobre ele agir de maneira lúcida e consequente. Mas o tema não será verdadeiro, não será encarnação determinada e prática do desejo, se não estiver na estrutura subjetiva, corporal, do desejado. Não pode o tema ser imposição alheia. Deve-se por ele tomar paixão, desejo trabalho, construído pelo próprio pesquisador. Da experiência antecedente, dos anteriores saberes vistos como insuficientes e limitantes nasce o desejo de conhecer mais e melhor a partir de um foco concentrado de atenções. Não podemos tudo querer ao mesmo tempo. Muito menos podemos de fato querer o que não tem ligação com nossa própria vida, o que nela não se enraíza. (MARQUES, 2003, p. 3)

Para tanto, esta pesquisa monográfica tem suas bases na pesquisa bibliográfica que como o próprio nome já diz, é a pesquisa realizada por meio de livros e, também, em outras fontes secundárias, por exemplo: enciclopédia, CD-ROM, internet e revista. Pode-se dizer que é a primeira incursão na atividade investigativa, pois geralmente é o primeiro modelo de pesquisa que é realizado na escola e na universidade. Essa pesquisa traz diferentes contribuições disponíveis sobre um tema. É de grande importância na vida acadêmica, pois auxilia na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da escolha do tema e na elaboração do relatório final e isso futuramente nos ajudará a sermos excelentes profissionais. De acordo com Lakatos (1992):

[...] a pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica. (LAKATOS 1992, p.44)

A pesquisa bibliográfica é realizada independentemente, isto é, percorre todos os passos formais do trabalho científico, em particular, em alguns setores das ciências humanas. Esta é parte da pesquisa descritiva ou experimental, quando ambas são feitas com o objetivo de obter informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura resposta ou acerca de uma hipótese que se quer experimentar.

Em linhas gerais conclui-se que a pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema. Como trabalho científico original, constitui a pesquisa propriamente dita na área das ciências humanas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização de todo o trabalho, verificou-se que tanto o professor em sua prática e experiência dentro de sala aula juntamente com seus alunos, acumulam conhecimentos que serão utilizados tanto em sua prática como em sua vida pessoal. Conhecimentos estes, que são frutos principalmente de relações e vivências com os outros, ou seja, aprendemos, sobretudo, com o jogo da vida, onde uma pessoa sempre tem algo a ensinar a outra e, ao mesmo tempo, a aprender com ela.

A afetividade em sala de aula, é determinante no processo de aprendizagem, os professores têm de conhecer os seus alunos. Sei que isso não é fácil. Mas o ideal é o que propunha Aristóteles: o educador tem de ser como o médico.

O médico precisa conhecer o paciente antes de prescrever um medicamento. Há doses diferentes do remédio de acordo com a necessidade de cada um. O educador tem de ir percebendo a evolução do aprendiz. E ir conduzindo com leveza os seus passos. Na prática, significa que o professor deve se preparar para entrar em uma sala de aula. Saber o nome dos alunos. Diferenciar autoridade de autoritarismo. Compreender que a didática da sala de aula precisa ser mais envolvente. O aluno participa melhor quando se sente desafiado a resolver problemas, quando percebe que as suas dúvidas são respeitadas. Não acredito na teoria do medo para garantir o bom comportamento em sala de aula ou evitar a algazarra.

Desenvolvendo seu trabalho, num processo de interação com seus alunos, o professor está ganhando muito e os seus alunos também estão, uma vez que, as experiências adquiridas serão essenciais para a sua vida em sociedade. A relação de afetividade entre aluno e professor e vice versa, vem se tornando um fator positivo que ajuda o aluno quando este está com problemas. Ao buscar conversar com o aluno professor procura ajudá-lo.

A relação que há entre o aluno e seu professor são apontados muitas vezes como sendo uma das mais importantes dentro do ambiente escolar, pois é através dela que ocorre o processo de transmissão e recepção de conteúdos o chamado processo ensino aprendizagem, pois Na mútua relação de afeto em sala de aula, aprendem alunos e professores.

Apesar de todos os pontos positivos da relação professor/aluno, o referido trabalho não deixou de apontar as consequências negativas que uma relação ruim entre ambos pode trazer para o aluno.

Dentre essas consequências negativas pode-se destacar uma situação muito comum dentro das salas de aulas brasileiras, onde professores demonstram estar muito desanimados em relação ao salário e a conduta dos seus alunos dentro do ambiente de sala de aula.

Estudos e pesquisas apontam que essa reação afeta diretamente aos alunos, uma vez que trabalhando estressados, descontentes, transmitindo uma imagem negativa, o professor se esquece da responsabilidade que tem no êxito de ensino.

Outro caso bastante comum e corriqueiro é a questão de professores ter um tratamento diferenciado para alguns alunos, elogiando apenas os alunos que tiram notas altas, deixando assim o aluno de médio e baixo rendimento muito constrangido perante a turma, tornando ainda mais negativa a imagem do professor, ao invés de incentivar o aluno com incentivos para que o torne orgulhoso e interessado em aprender.

Os docentes devem levar em consideração, enquanto profissionais da educação ou acadêmicos que almejam iniciar a carreira docente, que não são melhores que ninguém, mas que devem sempre aprender seja com outros professores ou até mesmo com os alunos, pois até o mais analfabeto pode ensinar de uma maneira diferente: com o exemplo da própria vida. E nesse sentido que a produção conjunta do conhecimento é uma forma de interação ativa entre o professor e os alunos, pois abre horizontes para novos conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções, bem como a fixação e consolidação de conhecimentos e convicções adquiridas anteriormente.

Assim sendo, entende-se que a proposta de ensino de qualidade, que se volta para a formação cultural e científica do aluno que o possibilite em sua ampliação da participação efetiva nas várias instâncias de decisão da sociedade, defronta-se com problemas de fora e dentro da escola. Sendo a escola pública gratuita, com direito essencial para se constituírem como indivíduo-cidadão, faz-se necessário pensar sobre uma “nova didática” voltada para os interesses populares de transformação da sociedade.

Faz-se cada vez mais evidente pensarmos sobre as necessidades de se construir uma prática educativa inovadora, pautada na construção e reflexão do conhecimento compartilhado, que possibilite agir, transformar e refletir na prática educativa dos

docentes. É preciso pouco a pouco através dos desafios do contexto em que se vive olhar e perceber os obstáculos como possibilidades de construção do novo.

Para que essas mudanças aconteçam e escola consiga exercer seu papel, é necessário que todos caminhem juntos, tendo a perspectiva praticada nas escolas de nossa sociedade, educando para um mundo mais igual e cumprindo assim o seu papel mais importante na educação: formar seres que possam pensar a respeito de tudo o que fazem.

Destarte, no papel de educadores comprometidos com a formação de futuros cidadãos, devemos sempre nos mantermos atentos ao fato de que, enquanto deixarmos de lado a atenção ao fator afetivo na relação professor-aluno, estamos caminhando para desenvolver cada vez mais o risco de estar trabalhando somente com a construção do real, do conhecimento, o técnico, deixando de lado o trabalho de construção do próprio sujeito, construção que envolve valores e o próprio caráter, necessário para o seu desenvolvimento integral do aluno.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.
- ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.
- BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano compaixão pela Terra**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 1999.
- CASTORIADIS, C. **Psicanálise e Política**. In: A fragmentada Mundo: A Encruzilhada Maze III. Paris: Ed du Seuil, 1990, p. 141-154
- CHALITA, G. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. São Paulo: Ed. Gente. 2003.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão, *Revista Sociologias*, ano 4, n. 8, p 432- 443, 2008.
- CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Ed. Sextante. 2003.
- FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2000.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FURLANI, L. M. T. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** 4 ed. São Paulo: Cortez Editora. 1995.
- GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.
- GALVÃO, I. **Wallon e a criança, esta pessoa abrangente**. *Revista Criança*. São Paulo: Ministério da Educação. p. 3-7. dez. 1999.
- GOTTMAN, J.; DECLAIRE, J. **Inteligência Emocional**. 34 ed. Rio de Janeiro: Objetiva. 1997.

LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4ed-São Paulo. Revista e Ampliada. Atlas, 1992.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

MARQUES, I.A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

NOVAES, M. H. **Psicologia Escolar**. 8 ed. Rio de Janeiro: Vozes. 1984

REGO, Cristina Tereza. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SAVIANI, D.. **Tendências e correntes da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, 5ª. Edição, p. 19 – 47.

SIQUEIRA, Denise de Cássia Trevisan. **Relação professor-aluno: uma revisão crítica**. Disponível em: conteúdo escola. Acesso em 15 de março de 2005.

SOARES, M. **Língua escrita, sociedade e cultura**. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, v. 0, p. 5-16, set./dez. 1995.

VYGOTSKY. **A formação Social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo, Martins Fontes, 1989. p. 97.